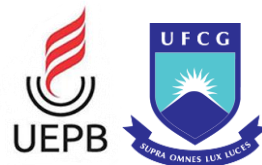




VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Um Olhar para o Vale do Silício: a fotografia documental de Mary Beth Meehan na utopia californiana¹

Leonardo Alcântara²

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este artigo pretende analisar o trabalho da fotógrafa e escritora Mary Beth Meehan, e como a estética documental de suas imagens, que partem da realidade das pessoas que vivem e trabalham no Vale do Silício, nos Estados Unidos, para compor uma série de relatos e testemunhos, e retratar as condições sociais, econômicas, raciais e territoriais. Assim, a fotografia documental de Meehan constrói um retrato realista das condições humanas no Vale do Silício, desmistificando essa região envolta em mitos de empreendedorismo, igualdade de oportunidades, progresso tecnológico e livre iniciativa individual.

PALAVRAS-CHAVE: Vale do Silício; tecnologia; fotografia documental; Big Tech.

INTRODUÇÃO

O Vale do Silício fica localizado na cidade de São Francisco, na costa oeste dos Estados Unidos, no estado da Califórnia. A região é conhecida por concentrar as grandes indústrias norte-americanas de tecnologia desde o início do século XX. A partir da década de 1970, a área passou a ser denominada de Vale do Silício, devido às empresas que utilizavam o silício na produção de semicondutores e circuitos integrados. Empresas promissoras, como a Bell Telephone Laboratories, Hewlett-Packard, Fairchild Semiconductor, Xerox PARC, dentre outras, que, com o patronato do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, foram responsáveis pela “revolução das tecnologias da informação” (Castells, 2023) que moldaram a sociedade, a economia e a comunicação após a Segunda Guerra Mundial.

¹ Trabalho apresentado no GT1 “Fotografia documental”

² Estudante de Graduação no 7º período do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: leonardoalcnt@gmail.com



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



O novo paradigma tecnológico mudou o escopo e a dinâmica da economia industrial, criando uma economia global e promovendo uma nova onda de concorrência entre os próprios agentes econômicos já existentes e também entre eles e uma legião de recém-chegados. Essa nova concorrência, praticada pelas empresas, mas condicionada pelo Estado, conduziu a transformações tecnológicas substanciais de processos e produtos que tornaram algumas empresas, setores e áreas mais produtivos. (Castells, 2023, p. 154)

Essas transformações colocaram os Estados Unidos no centro dessa nova economia global. Os países europeus haviam sido devastados pela guerra contra a Alemanha Nazista, e a União Soviética ainda lutava para se recuperar dos efeitos da guerra. Ao final da Guerra Fria, com o colapso da União Soviética, os Estados Unidos se tornaram o centro da financeirização do capital global, e as empresas de tecnologia do Vale do Silício – umbilicalmente ligadas ao complexo industrial-militar – encabeçaram as mutações em todo o conjunto técnico da informação-comunicação do mundo contemporâneo. Essas empresas se tornariam as Big Tech's que conhecemos hoje, como o Google, Meta, Apple e Microsoft, Tesla, etc.

Sendo assim, “o êxito do Vale do Silício tornou-se a narrativa preponderante do próprio capitalismo contemporâneo” (Morozov, 2018, p. 20). A utopia californiana de empreendedorismo, criatividade, individualismo e o ‘*self-made man*’, envolveram a região do Vale do Silício em mitos de progresso, enriquecimento e aprimoramento pessoal que seriam alcançados através das tecnologias digitais.

A dimensão do trabalho laboral e o aspecto humano do Vale do Silício foram obscurecidos pela tecnologia. Entretanto, na contramão dessa tendência que se estabeleceu no século XXI, o trabalho documental e fotográfico de Mary Beth Meehan, que este artigo pretende analisar, vem desmistificar essa região quase sagrada do capitalismo estadunidense. A partir da estética da fotografia documental, esse projeto busca explorar e registrar a realidade das pessoas que vivem e trabalham no Vale do Silício, através relatos e testemunhos, a fim



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



de compor um retrato das condições humanas e sociais desse território, e qual futuro a tecnologia está produzindo.

UM OLHAR PARA O VALE DO SILÍCIO

Mary Beth Meehan é fotógrafa, escritora e educadora, nascida em Brockton, Massachussets, com diploma de bacharelado em Literatura Inglesa pela Amhrest College e mestrado em Fotojornalismo pela Universidade de Missouri, em Columbia. Ela também lecionou e realizou workshops na School of Visual Arts, em Nova York, no Massachussets College of Art and Design, em Boston, e no Missouri Photo Workshop.

Em razão dos seus diversos trabalhos internacionalmente reconhecidos de fotografia e como educadora, Meehan foi convidada para colaborar com um projeto idealizado pelo historiador e professor de comunicação da Universidade de Stanford, Fred Turner. O projeto, que acabou sendo publicado em livro pela University of Chicago Press, intitulado *Seeing Silicon Valley: Life inside a Fraying America*, consistia em explorar e registrar a realidade das pessoas que vivem e trabalham no Vale do Silício.

Assim, Turner (2021) introduz o tema:

Nos últimos cinquenta anos, o Vale do Silício tem sido envolto em mitos. Seus laptops e celulares reluziram com a promessa de um futuro glorioso possibilitado pela tecnologia. Seus empreendedores e capitalistas de risco parecem ter caminhado nas alturas da criatividade e do individualismo. Steve Jobs, Mark Zuckerberg, Apple, Google, Facebook, Tesla – por anos, esses nomes sozinhos têm invocado visões de riqueza extraordinária, igualdade de oportunidades e acesso universal aos produtos das indústrias mais vanguardistas da América. (Meehan; Turner, 2021, p. 1, tradução nossa)

Em entrevista concedida ao *The Washington Post*, a fotógrafa Beth Meehan declarou que achou bizarro o convite de Turner para participar do projeto, e que “nunca ocorreu pensar no Vale do Silício como um lugar real



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



onde as pessoas viviam” (Meehan, 2021). De fato, a maioria das pessoas ainda têm uma visão mistificada do Vale do Silício, como sendo uma utopia norte-americana de riqueza, *startups* e bem-estar proporcionado pela tecnologia, a criatividade e a livre iniciativa. Entretanto, a realidade capturada pelas lentes de Mary Beth Meehan é bem diferente do mito.

Imagem 1 - Victor



Fonte: Meehan; Turner, 2021

Um dos relatos que ela traz é o de Victor (imagem 1), que mora em um trailer próximo ao campus do Google, no Vale do Silício. Aos 80 anos, ele veio de El Salvador para morar em Mountain View, 25 anos atrás. Ele costumava morar em um apartamento, mas teve que sair pois os aluguéis estavam muito altos. Ele não trabalha, e não possui energia elétrica e água encanada em casa. Um retrato bem distante das narrativas de sucesso e empreendedorismo do Vale do Silício.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Imagem 2 - O trailer de Victor



Fonte: Meehan; Turner, 2021

O trailer de Victor (imagem 2) fica estacionado em frente aos condomínios que um dia ele morou. A questão da invisibilidade social, de mergulhar nas comunidades e engajar o público através de retratos de pessoas comuns, ordinárias e não celebradas, são temas centrais nos trabalhos de Mary Beth Meehan. De acordo com Sontag (2004, p. 69), os grandes contrastes de classe sempre fascinaram os fotógrafos desde os primórdios da fotografia. “A classe era o mistério mais profundo; o inesgotável glamour dos ricos e poderosos, a degradação opaca dos pobres e dos párias”.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS

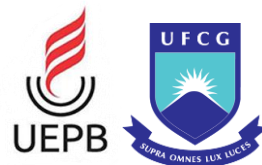


Imagem 3 - Warren



Fonte: Meehan; Turner, 2021

Nesse seu percurso pelo Vale do Silício, Meehan busca retratar também a vida e as conquistas daqueles considerados “bem-sucedidos” pela mitologia empresarial californiana. Warren (imagem 3), nascido em Illinois, estudou engenharia e negócios na Universidade de Stanford, e se mudou para Palo Alto junto com alguns colegas para criar uma empresa pequena chamada Thuuuz, que oferece serviços de destaques de eventos esportivos em tempo real. Embora pareça viver confortavelmente, Warren e sua empresa não se comparam com as Big Tech’s do Vale do Silício – como Facebook, Apple e Google. Ele relata que essas empresas se tornaram intocáveis pois estão dispostas a cruzar limites éticos e morais.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS

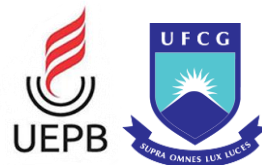


Imagem 4 - Justyna



Fonte: Meehan; Turner, 2021

O idealismo de ajudar as pessoas e fazer algo bom para o mundo é o que atrai muitas pessoas para o Vale do Silício. Justyna (imagem 4) deixou a Polônia para conseguir o seu PhD na Alemanha, e depois foi para os Estados Unidos para realizar pesquisas em Harvard. Em 2014, ela havia criado o design de um sistema autônomo de resposta emergencial para áreas devastadas por terremotos ou enchentes, que ganhou uma competição na Casa Branca. No entanto, ela não conseguiu o financiamento para construir o projeto. Justyna relata que os valores morais, como integridade, respeito e cuidado pelas pessoas, pareciam estar se perdendo ao seu redor. A vida da classe média no Vale do Silício, cercados em suas mansões e casas com piscina, parece revelar uma fratura em seus valores éticos e morais, assim como a pouca perspectiva de mudanças.

Como explica Morozov (2018, p.47):



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Tais rupturas tecnológicas têm origem em todos os campos, menos na tecnologia. Elas são viabilizadas pelas crises políticas e econômicas que se abatem sobre nós, ao mesmo tempo que suas consequências afetam profundamente a forma como vivemos e nos relacionamos. É muito difícil preservar valores como solidariedade num ambiente tecnológico que prospera com base na personalização e em experiências únicas e individuais.

Nesse ponto, a personalização que envolve o Vale do Silício geralmente celebra unicamente o Homem Branco – como Steve Jobs, Mark Zuckerberg, Steve Wozniak, Bill Gates, etc. Suas experiências e iniciativas individuais, ideias e invenções, criatividade e coragem para tomar riscos em investimentos nos mercados capitalistas: eles são os rostos que ilustram a utopia californiana nas revistas, jornais, *outdoors*, e no imaginário coletivo.

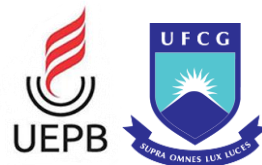
Esse é outro dos mitos da formação histórica recente do Vale do Silício – e da Califórnia –, uma região que acomoda diversas comunidades de imigrantes, e que podem ser desmistificados pelas realidades retratadas pela fotografia documental de Mary Beth Meehan, e pelo trabalho de pesquisa de Fred Turner.

Partes do Vale do Silício lembram os distritos cosmopolitas de Manhattan e Los Angeles. Uma mesquita se choca contra um Centro Comunitário Judaico em Palo Alto. Restaurantes filipinos, afegãos, mexicanos, vietnamitas e punjabis disputam o espaço em um único longo quarteirão em Mountain View. No outono, alguns proprietários decoram suas casas para o Halloween, enquanto seus vizinhos penduram luzes para o festival indiano de Diwali. (Meehan; Turner, 2021, p. 7, tradução nossa)

A fotografia documental, desde os seus primórdios, sempre esteve atrelada à verossimilhança, ou seja, como uma representação do real, que “presta contas do mundo com fidelidade” (Dubois, 1993, p. 25). Todavia, esse realismo parece não estar mais apenas nas imagens, parece se materializar na subjetividade das pessoas, numa exaustão em relação ao futuro.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Mary Beth Meehan conta, em entrevista ao *The Washington Post*, que começou seu percurso pelo Vale do Silício apenas seguindo as pessoas na rua. “Conheci um casal em um templo Hindu. E então houve a mágica de me conectar com alguém naquele momento, fotograficamente” (Meehan, 2021). Assim, percebe-se que o fotógrafo aqui não aparece em busca do real oculto, mas sim, do mágico, como se reestabelecesse, momentaneamente, uma conexão há muito perdida.

Imagem 5 - Ravi and Gouthami



Fonte: Meehan; Turner, 2021

O casal Ravi e Gouthami (imagem 5) possuem diplomas em biotecnologia, ciência da computação, química e estatística. Eles nasceram e estudaram na Índia, imigraram para os Estados Unidos para trabalhar em Wisconsin e Texas, e depois acabaram indo trabalhar para uma indústria farmacêutico-tecnológica no Vale do Silício – o centro internacional da tecnologia. Ambos recebem salários altos e moram num apartamento alugado em Foster City. O casal, que aparece deitado em um gramado na imagem, sendo fotografados do alto, diz que gostaria de continuar morando na região, investir e construir uma família, mas o futuro no Vale do Silício é incerto e eles não sabem qual será o próximo passo.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Imagem 6 - Mary



Fonte: Meehan; Turner, 2021

Mary (imagem 6) veio de Uganda para morar nos Estados Unidos. Ela relata que a pobreza que encontrou na América, onde muitos não têm onde morar, é pior que a pobreza na África, onde você não encontra alguém sem casa. No vilarejo em que ela morava, embora as pessoas fossem pobres, elas tinham casa e terra para plantar, e toda a comunidade para te ajudar e cuidar de você. Mary está há um ano morando com sua filha em San Jose, e o sentimento que predomina é a solidão. Na África, diz ela, nunca se está sozinho.

O que todas as histórias retratadas por Mary Beth Meehan têm em comum, é algo muito próprio da fotografia: o tempo e o espaço em que acontecem. O território, que cerca a vida dessas pessoas, com suas empresas, indústrias e tecnologias, um realismo que parece contaminar a todos.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa documental de Mary Beth Meehan e Fred Turner lança um olhar fotográfico para o Vale do Silício, a fim de capturar a realidade das pessoas que vivem e trabalham nessa região, há décadas envolta em mitos e promessas de um futuro tecnológico glorioso. A estética documental, aliada ao pensamento crítico da tecnologia, podem modificar e ampliar nossas ideias sobre o mundo contemporâneo, e desmistificar a realidade para nós, e como afirma Sontag (2004, p. 13) nos ajudar a constituir “uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver.”

O que a narrativa documental de Meehan retrata, na região do Vale do Silício, são as mazelas do capitalismo e do neoliberalismo, as desigualdades, a solidão, a falta de conexões e de expectativas para o futuro, que moldam as subjetividades de quem vive na região, atravessando suas origens, condições econômicas, étnico-raciais, culturais e territoriais.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. 25. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

MEEHAN, Mary Beth; TURNER, Fred. **Seeing Silicon Valley: Life inside a Fraying America**. Chicago: The University of Chicago Press, 2021.

MEEHAN, Mary Beth. *In: uber-rich Silicon Valley, her camera captures those struggling to survive*. **The Washington Post**, mai. 1, 2021. Entertainment. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/entertainment/silicon-valley-photography-book-mary-beth-meehan/2021/04/30/4867019e-a46f-11eb-85fc-06664ff4489d_story.html >.

Acesso em: 08 de set. de 2024.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.